

EDITORIAL

Eduardo Ferreira Chagas
Ermínio de Sousa Nascimento
José Edmar Lima Filho
Manoel Jarbas Vasconcelos Carvalho

O *Dossiê Filosofia da Técnica e Educação* que ora apresentamos ao público em geral recolhe significativas contribuições de pesquisadores do Brasil e do exterior sobre temas variados, mas que gravitam em torno da temática geral que intitula a iniciativa, além das Conferências proferidas no I Encontro Nacional de Filosofia da Técnica e Educação (ENFITE), ocorrido em agosto de 2019, na Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, promovido pelos Grupos de Estudos e Pesquisas: “Filosofia da Técnica”, “Teoria Crítica” e “Ensino de Filosofia na atualidade”.

Por ocasião do ENFITE, foram discutidos os desafios de se pensar a formação das subjetividades no contexto da sociedade capitalista, considerando-se o uso das novas tecnologias associadas à racionalidade técnico-científica. As reflexões filosóficas se concentraram desde a avaliação da crença no poder da razão, professada pelo projeto iluminista da modernidade, até a pretensão de alcançar a autonomia do sujeito e a emancipação humana almejada pelo modelo de racionalidade moderna, desembocando em uma possível transmutação do ideal de autonomização do sujeito como autogoverno, proferido por Kant no século XVIII, em um tipo de “operacionalização técnica” do saber científico, nos séculos XX e XXI. Essa constatação, pensada filosoficamente, nos conduz a várias frentes de investigações, entre as quais se destacam questões como a de saber até que ponto a noção de progresso desenvolvido pelo avanço da ciência e da tecnologia corroboram para o desenvolvimento da qualidade de vida da humanidade ou de como o saber técnico-científico, que contribui para o aumento da produtividade material na sociedade capitalista – e até pode combater doenças até então fatais –, está a serviço da vida “vívda” no seio da sociedade. Daí a importante indagação: a tecnologia pode ser considerada “humana”? Quais os sentidos que essa noção de “humano” podem alcançar quando vinculada ao saber contemporâneo das ciências e o avanço das novidades tecnológicas?

Algumas tentativas de resposta a essas questões foram formuladas pelos pesquisadores que colaboraram muito generosamente para a publicação que nos honra apresentar nesse momento. Sem se descuidar do rigor conceitual, próprio do filosofar, evidenciam-se preocupações do ponto de vista ético-moral, social, político, econômico e mesmo ambiental. Há uma imbricação entre essas preocupações que talvez não seja possível expor aqui de forma separada; mas é possível delinear um percurso que aproxima as proposituras dos pesquisadores do Dossiê, senão vejamos.

No primeiro artigo, Hugh Lacey (Swarthmore College/Estados Unidos) trata dos valores do progresso tecnocientífico e dos pressupostos que lhes sustentam, sem deixar de apresentar alguns problemas próprios da noção de “controle da natureza”, questões que implicam na consideração das atuais crises climáticas, sanitárias, alimentares, sociais e ambientais que ameaçam o mundo inteiro.

O segundo texto, de Marconi Pequeno (Universidade Federal da Paraíba/Brasil), aborda a distinção do tema da técnica (*téchnē*) desde os filósofos gregos da antiguidade até a contemporaneidade, quando o autor identifica os momentos (i) do fazer necessário baseado na aptidão e na destreza, vinculado ao desenvolvimento da *pólis*, (ii) da incorporação da técnica pela tecnologia e (iii) da tecnocracia contemporânea, que se dirige a questões como o domínio da natureza e o controle das pessoas, o que denota uma apresentação das transformações sofridas pela técnica, da sua incorporação por parte das tecnociências, dos seus avanços e conquistas, e, finalmente, dos desafios éticos suscitados por suas diversas aplicações em nosso contexto societário.

A terceira contribuição do Dossiê vem assinada por Maurício Fernandes (Universidade Federal do Piauí/Brasil) e provoca à reflexão sobre a possibilidade da tecnologia ser humana. Dialogando a partir da questão alimentada por Paul Goodman, Fernandes foge de uma visão simplista e negativa do fenômeno tecnológico, buscando oferecer uma compreensão do tema como realização humana, o que acarreta graves responsabilidades para o ser humano no mundo contemporâneo, dados os impactos da tecnologia sobre a condição humana, e o torna um problema, ao mesmo tempo, filosófico e moral.

No quarto artigo, Marco César de Souza Melo (Universidade Federal do Ceará/Brasil) considera questões como o emprego das tecnologias digitais de

comunicação como meios de controle e sujeição humana, baseando-se prioritariamente na contribuição filosófica de Byung-Chul Han. O texto considera que as ferramentas digitais de interatividade atuam pela atração dos indivíduos para a contínua presença e participação no ambiente virtual e pela influência deles na produção de subjetividades dos usuários, o que geraria uma espécie de “psicopolítica”, compreendida como nova forma de dominação do homem inserido em uma civilização tecnológica.

Alberto Cupani (Universidade Federal de Santa Catarina/Brasil) assinala a distinção já habitual de quatro modalidades de existência da tecnologia, desde artefatos e sistemas, certo tipo de conhecimentos, atividades específicas, assim como determinada atitude humana perante a realidade, natural ou social, conjuntamente pensadas como configuradoras do mundo tecnológico. Acentuando a continuidade com uma publicação prévia, o autor explora as referidas modalidades de existência da tecnologia interessado no que respeita às consequências que a sua proliferação trazem para a cultura e a educação.

A sexta contribuição, de autoria dos organizadores do presente número (ambos vinculados à Universidade Estadual Vale do Acaraú/Brasil), versa sobre a questão da subjetividade e do saber técnico-científico na perspectiva de Theodor W. Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), particularmente situada na *Dialética do Esclarecimento* (1985). Ao tratar da crítica da concepção kantiana de esclarecimento, discute-se a possibilidade de uma autonomia do sujeito (que conserve o saber técnico-científico) como a única forma válida de conhecimento. Baseados na consideração de que o *modus operandi* desse saber transforma o sujeito pensante em operador técnico para produzir mercadorias na sociedade capitalista, os autores indentificam uma primeira conversão da noção de autonomia em aperfeiçoamento técnico-produtivo, algo que unifica homens e máquinas, seja pela linguagem da ciência, seja pela produção em série de mercadorias. A consequência dessa unificação seria constatada na competição do homem com as máquinas, o que faria o homem renunciar, gradativamente, à sua subjetividade para se adaptar aos mecanismos de dominação da sociedade capitalista.

Pedro Rogério Sousa da Silva (Instituto Dom José/Brasil) abre o sétimo artigo apresentando a tentativa de mostrar a influência de Benjamin sobre Adorno, sem descuidar de destacar as convergências e as divergências entre os dois pensadores, a fim

de apresentar as contribuições de Adorno a respeito de temas como história e ideologia, sob a luz dessa influência benjaminiana.

Na continuidade, o artigo de John Karley de Sousa Aquino (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Campus Itapipoca/Brasil) avalia, com base em Herbert Marcuse e outros autores e autoras, a interessante hipótese de que a relação hostil da sociedade moderna com a natureza estaria influenciada e reforçada pela cultura patriarcal, a qual compreenderia que a natureza pode ser destinatária de qualquer tipo de violência, em razão de sua ocorrência como feminina. A consequência dessa hipótese é de que comparece um caráter masculino na subjetividade moderna e que isso teria influenciado nossa relação com a natureza.

A nona provocação do Dossiê é inaugurada por Abah Andrade (Universidade Federal da Paraíba/Brasil), que situa sua argumentação no enclave entre uma filosofia da técnica e a preocupação com um projeto de educação menos comprometido com as forças tradicionais do princípio de identidade. Para a empreitada, o autor avalia o fenômeno da mimesis como “fonte”, a partir de onde pode vir a ser tanto a arte quanto a educação. Depois de questionar certo conceito de “realidade” e avaliar as concepções de Platão e Aristóteles acerca da mimesis, Andrade propõe um conceito de mimesis como “imaginação primeira” (ou nexos entre a arte e a natureza), até vir a se dedicar a uma meditação mais atenta à feição própria desse “nexo”, que, originário, só pode ser algo como um não-nexo de onde se pode haurir todas as conexões passíveis de virem a ser feitas entre arte e natureza.

O artigo de autoria de Leonardo Henrique Morais Martins (Universidade Federal do Tocantins/Brasil) e Gustavo Silvano Batista (Universidade Federal do Piauí/Brasil) prossegue a discussão temática do Dossiê com base em uma leitura possível de *A questão técnica*, de Martin Heidegger, a partir de onde prevê desdobramentos importantes para a prática de ensino de filosofia na educação básica. Baseados em uma discussão da essência da técnica como um elemento que não é puramente técnico, o texto encaminha uma reflexão que atinge a educação filosófica na escola. A repercussão da temática alcança a escola, particularmente a formação filosófica básica, considerando a ambiência em que vivemos ser marcada pela técnica, algo que é perceptível tanto pela influência das ciências positivas, quanto pela presença de certo aparato tecnológico na escola.

Prosseguindo a tematização dos elementos que caracterizam a reflexão do *Dossiê Filosofia da Técnica e Educação*, a contribuição de Rodrigo Duarte (Universidade Federal de Minas Gerais/Brasil) se centraliza em torno das provocações de Vilém Flusser sobre a técnica e em como elas apontam para o seu conceito de pós-história em oposição à pré-história e à história. Evidenciando que na pós-história impera um modelo de comunicação de massa, promovendo discursos de natureza “anfiteatral” – algo que permitiria “programar” as pessoas para que se tornem “funcionários” a serviço de “aparelhos”, isto é, para que ajam automaticamente em total desconsideração das necessidades propriamente humanas – e que as tecnoimagens desempenham um papel preponderante nesse processo de programação das pessoas (o que se pode exemplificar por todas as superfícies bidimensionais como fotos, filmes, vídeos, etc), Flusser encontraria as saídas para essa situação de jugo do ser humano tanto na “arte enquanto embriaguez” quanto num modelo de educação que transcenda seja a modalidade “industrial”, seja a própria educação que nela se baseia de modo unilateral.

O décimo segundo artigo, que conta com a autoria de Cindy Xin e Andrew Feenberg (Simon Fraser University/Canadá), traduzido para o nosso vernáculo por Fabrício Klain Cristofolletti (Universidade Estadual Vale do Acaraú/Brasil), configura-se pela elaboração de um modelo para a compreensão da pedagogia no ambiente dos fóruns educacionais *online*, identificando quatro componentes, quais sejam: (i) o engajamento intelectual como componente que revela os processos cognitivos de primeiro plano do aprendizado colaborativo; (ii) os processos de comunicação que operam no plano de fundo – que são aqueles que acumulam um depósito ainda mais rico de conhecimentos compartilhados que possibilitam o avanço da conversação; (iii) o processo colaborativo, que é o componente que requer um moderador para coordenar a comunicação e o aprendizado em grupo; (iv) a discussão bem-sucedida que resulta em motivações intrínsecas para a participação, as quais mantêm a discussão em andamento. Tal estrutura foi projetada para mostrar a complexidade da discussão *online* e fornecer uma base que sirva para orientar professores e avaliar aplicativos e *softwares*.

O artigo de autoria de Gilmar Evandro Szczepanik (Universidade do Centro-Oeste do Paraná/Brasil) versa sobre a natureza da tecnologia e seu ensino, no sentido de investigar o espaço que a tecnologia tem ocupado cada vez mais na agenda dos filósofos profissionais das mais diversas tradições. Na análise oferecida pelo autor,

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 9	n. 17	Maio - Agosto 2020	p. 8-14
--------------------------	-------	-------	--------------------	---------

trata dos principais elementos associados à natureza da tecnologia e de possíveis consequências na educação tecnológica, afastando a concepção reducionista de tecnologia como ciência aplicada e de tecnociência pela alegação de que haja boas razões que sustentam uma emancipação epistêmica fraca da tecnologia em relação à ciência. Szczepanik ainda destaca as especificidades que envolvem a educação tecnológica associadas principalmente ao processo de *design*, para, ao final, considerar a possibilidade de desenvolver uma autêntica e efetiva educação tecnológica.

O décimo quarto artigo, de autoria de Clístenes Chaves de França (Faculdade Luciano Feijão/Brasil), discute o problema da técnica com base na produção filosófica de Jürgen Habermas. Cabe a França expor a possível superação habermasiana da crítica de Marcuse à técnica e à ciência como manifestações ideológicas de uma classe social historicamente situada, vinculando ambas à racionalidade teleológica que estaria incrustada no desenvolvimento da espécie humana. Apresentando as categorias “trabalho” e “interação”, o autor identifica em Habermas a proposição dos riscos da colonização dos espaços de interação social pela racionalidade instrumental e a defesa da construção de uma sociedade emancipada, ainda que condicionada à sobrevivência dos espaços reservados para uma racionalidade comunicativa liberada de qualquer forma de reificação.

O último artigo do *Dossiê* que ora apresentamos é de autoria de Francisco Romulo Alves Diniz (Universidade Estadual Vale do Acaraú/Faculdade Luciano Feijão/Brasil) e trata da questão da técnica a partir da contribuição teórica de Oswald Spengler, tomando por referência central o pequeno livro intitulado *O homem e a técnica* (1931). O autor destaca o pioneirismo de Spengler sobre a temática, desenvolvendo-se por uma visão cíclica e metafísica da técnica e destacando que tal visão seria decorrente do método morfológico utilizado pelo filósofo na *Decadência do Ocidente*. Na discussão são considerados autores como Heidegger e outros, que se debruçaram sobre a obra de Spengler para, de lá, escrutinar algum sentido para a história.

Pelo que se observa da leitura atenta do presente *Dossiê*, as proposições dos autores em referência ao tema da Filosofia da Técnica e da Educação tornam esta coletânea não apenas uma das mais significativas obras publicadas em língua portuguesa sobre o assunto, como fazem-na leitura obrigatória para todos os

interessados na verticalização dos seus estudos na área. O rigor da exposição e a densidade das provocações filosóficas que daqui decorrem obrigam-nos a reconhecer a relevância e a maestria de seus autores no tratamento de questões tão fundamentais para compreender a nossa situação contemporânea, marcada, de algum modo, pelas questões que aqui estão descortinadas diante de nós e que nos implicam pessoal e comunitariamente para pensar o que nos envolve.

Desejamos que desfrutem todos de uma excelente leitura.